

ANNO DE 1881.

QUARTA FEIRA 18 DE JULHO.

NÚMERO 26.

CORREIO DA LIBERDADE.

Unum debet esse omnibus propositum, ut eadem sit utilitas uniuscujusque et unius se non

Cic. de Off. Lib. I

Subscrivere se a 4 de 100 reis por semestre, retribuindo todas as quartas feiras, e sabbados de cada semana: folhas aruitas a 8 reis cada hora na Typ. deste Periodico, já indicada: e na rua da Praia em casa do Sr. Joaquim de Souza, N. 77.

PORTO ALEGRE NA TYPOGRAPHIA DO CORREIO DA LIBERDADE.
RUA DE BRAGANÇA N. 51

Continuação do N. 20 pag. 76.

PRIVAR a virtude das recompensas, e das honras; que lhes são devidas, he, diz Catão, extirpar da moeidade as virtudes. Mas apartar a virtude dos primeiros destinos, corromper os homens para subjuga-los, e dividir-los entre si, a fim de avassala-los a todos, he a que se reduzem os principios de uma politica odiosa, inventada claramente, não para a conservação, senão para a dissolução de um estado. Segundo estas maximas, os soberanos se fazem necessariamente inimigos de seus subditos, devendo declarar uma guerra cruel á razão, que poderia illustrá-los, e á virtude, que poderia uni-los com os outros: vale mais poia cega-los, e corromper-los, tolos em uma perpetua infancia, e inspirar-lhes vícios capazes de fomentar as maiores discordias entre elles, para impedir que se reunão contra os que tão cruelmente os opprimem. A virtude necessariamente deve ser detestável a quantos governo sem justica. A moral igualmente não pode ser conveniente aos escravos: o escravo não deve conhecer mais virtude que a da obediencia. Os cortegões sempre extremosos em suas adulações, tem intentado deificar a seus monarcas; mas he facil de confessar que seus exforços tem sido deficituosos, se com elles

pertenderão justificar o seu captiveiro, e enobrecer a sua fama. Além do que, ellos são os sacerdotes dos deuses, que é a cegueira, e avidez têm creado. Uma politica mais sábia, e mais útil determina que os soberanos se considerem homens e cidadãos, e que nunca separem seus interesses dos de seus subditos: da reunião destes interesses resulta a concordia social, e a felicidade da cabeça e dos membros. O principe he só verdadeiramente grande e poderoso, quando he sustido pelo affecto, e carinho de seu povo: o povo he sempre desgraciado, se o soberano recusa ocupar-se em sua felicidade. Eléas Rei de Scythia dizia que, quando estava ocioso, não se differenceava do seu orledo da cavallerice. Uma vida ociosa, e divertida he sempre vergonhosa e criminal em um monarca, cujo tempo pertence a seus subditos. Para governar de um modo que faça felizes as Nações, não he mister, nem um trabalho excessivo, nem umas luzes extraordinarias, nem um talento maravilhoso; bastão a rectidão, a vigilancia, a firmeza, os bons, e efficazes desejos. Uma alma demasiadamente viva e exaltada, pode algumas vezes carecer de prudencia; um bom coração he regularmente melhor, e mais a propósito para governar aos homens, que um talento, em um entendimento muito elevado e penetrante. Não exijão pois as Nações, de seus cha-

ses talentos sublimes e raros, em que
lidades difíceis de encontrar. Qualquer
homem de bem tem o que se necessita
para governar um Estado, todo o
príncipe, que sinceramente desejar o
bem de seus subditos, achará com feli-
citude cooperadores, que o ajudem: elle
fmentará em sua corte uma nobre emu-
lação entre os talentos e o mérito, não
menos útil a seus interesses, que aos
de seus subditos. Todo o Monarca, que
quizer conhecer a verdade, achará mui
prompto as lozes necessárias para go-
vernar com sabedoria: assim todo o so-
berano que apreciar, e se niver fer-
temente à justiça, fará reinar em suas
domínios, e respeitar pelos seus subdi-
tos. A justiça e a fortaleza são as vir-
tudes dos reis. A pompa van, que ro-
dea os soberanos, a facilidade e premp-
tidão, com que são executadas suas or-
dens, as diversões contínuas, que se lhes
representam, os prazeres, em que se en-
contram engolofados, fazem que o vulgo
os tenha pelos mais felizes dos mortais,
em uma palavra, um erro mui comum am-
bige a ideia do poder supremo a da su-
prema felicidade. Mas a vida de um so-
berano, que cumple com seus deveres,
he activa, laboriosa, vigilante, fizes-
santemente ocupada: a de um príncipe
ocioso, dissipado, e inimigo do trabalho;
he um desgosto perpétuo. O soberano,
que não se digna attender a seus pro-
prios negócios, se expõe a todos os qua-
les, que resultam da falta de conduta,
ou da perversidade de seus ministros;
que por sua ignorância não pode eleger
bem. Os reis tem tanto, e mais que co-
rrem de seus amigos, que de seus ini-
migos; ou antes, não tem nunca ami-
gos, senão adoladores, e homens vicio-
sos, achados somente a sua pessoa por
um cordido interesse, ou pela vaidade;
alevo de que, não tendo iguas, nem
tendo necessidades algumas, os príncipes
não gozão, nem das doçuras da exi-
zação, nem dos encantos da confiança,
nem das maiores prazeres da vida so-

(*) Este Príncipe dizia que *Ephestion amava o Rei*; porém que *Clio amava a Alexandre*.

(*) Não temos precisão de mencionar as provas desta verdade nas páginas cerúndicas da história antiga, nem tão pouco em climas mui remotos; há pa-
co entre nós a vimos realizado, não sem
bastante glória para a Nação Brasileira.

cial; vêem-se privados destes bens pelo
enorme ciúme, que o Throno pôde em-
tre elles e seus subditos, ainda os ma-
is distictos: estes se achão sempre ex-
primidos e violentados em presença de
seu senhor, onde a nada se podem atre-
ver. D'once claramente se infere que
a alegria, que sempre supõe liberdade,
segurança, confiança e igualdade,
não pôde habitar, nem manifestar-se na
corte dos reis. Em um banquete assas-
sinou o grande Alexandre a Clito, que
tinha por seu maior amigo. (*) Embora
a maior infelicidade inseparável da condição dos reis he não poder saber quan-
si nunca a verdade.

Este é talvez o ceulta, sobre tudo
quando he amarga, isto he quando im-
porta mais que elles a safoão. Alguns
príncipes, diz Gordão, se tem visto de-
senthranizados, antes de saberem que
não erão amados de seus povos. (**) Is-
to he o que sucede principalmente aos
soberanos absolutos, nos despotas, aos
tyranos, cujas paixões indomitas não per-
mittem que jamais se lhes fale com sim-
ceridade; não a costumados a soffrerem
contrariação, tudo o que se opõem a
seus caprichos, basta para provocar a
colera d'estes menimes imprudentes,
que desejam poder obrer tudo impunen-
tamente. Os príncipes cujo poder he il-
imitados, são os que devião ter o ma-
ior interese em conhecer as verdadeiras
disposições de seus subditos: porque,
não podendo estes fazer que cheguem ao
throne suas queixas, explicão-se em
motins, revoluções, e assassinatos, em

Continuar-se-lia.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor do Correio.

Não sei que má estrella he esta nos-
sa, que para qualquer parte, que nos
voltemos, não descubrimos senão cor-
ras, que nos incomodão: uma das noi-
tas passadas, indo eu por certa rua, fui
dar em um montão de pedras que es-
tavão ali para uma obra, e como vinha
desprevinido, e a escuridão era gran-
de, dei sobre elhas uma queda, que fi-
qui com as canellas descarnadas, e mal-
tractei as miões, e o resto: não hâ ci-
za mais perigosa que similhantes torpe-
gos, especialmente nas ruas principaes
da Cidade, onde he continua a passagem
da gente; e tanto isto he conhecida pe-
las nossas autoridades, que me consta

existir uma placa da Câmara Municipal,
provinciando mês aente cimen-
tos: mas o certo he que ou não se lhe
tem dado execução, ou as penas com-
minadas são tão insignificantes que nin-
guém faz caso delas: porque a Cidade
está cheia destes precipícios; e sendo
tantas as ebras, que se estão continua-
mente fazendo, inda não pude ver lamp-
ião, senão em duas: e he provavel que
o que a mim me acontecio se tenha ex-
tendido a muitas outras pessoas. Rogo
lhe pois o favor de publicar estas linhas,
para ver se com ellas se despertão os
agentes do Municipio: na que muito obré-
gará a

Um Queixoso.

Sr. Redactor do Correio.

Vendo uma correspondencia avulsa,
que acompanhou o seu periodico de Sab-
bado 9 do corrente, assinada pelo Ami-
go dos Homens de bem, contra o bem
conhecido Negociante da Villa do Rio
grande João Francisco Vieira Braga (pes-
soa esta que, não só nestá Província,
como em outras, para onde se relacio-
na, merece o melhor conceito, pela sua
rectidão em seus contractos,) não a pu-
de ler, sem que me perturbasse á vista
da falsa exposição de seu contexto, todo
mentiroso; o que posso asseverar, por
estar muito no facto, e ser testimunha
ocular: e resolvi-me pois a ditigir-lhe
estas mal traçadas linhas, para que se
digne transcrevê-las na sua folha, a bem
de que o publico imparcial suspenda seu
juizo, em quanto que não chega tal ar-
guiação ao conhecimento do dito Braga,
e este se justifique pelas meios, que a
Lei lhe oferece: o que lhe assegura cui-
priá sem demora. Aproveito esta occa-
sião para protestar-lhe a minha estima,
pelos sentimentos libres, que o domi-
nio. Sou com estima

Sen. Venerador

O inimigo de columnas.

Sr. Redactor do Correio.

Como ouvi dizer que a *Sentinella* estava para morrer; faze-me o favor de dizer, se será esse o motivo porque á vejo de arma em funeral: do que lhe ficará obrigado O Perguntador.

Sr. Redactor do Correio.

Os muitos abusos e excessos, que te-
nho visto, e vejo praticarem-se com
a navegação de Cabotagem, tanto na
nossa Província, como em todo o Bra-
sil, me tem causado tal confusão, que
me animei a pegar na pena, para exi-
gir de Vm. algum esclarecimento, ou
explicação ácerca deste negocio, que a
meu ver não ha de pouco interesse para
os nossos patrícios: rogo-lhe pois a iner-
ce de me satisfazer aos seguintes quisiti-
tos, (se accaso lhe ha possivel) pois não
entendo, como entre nós se deixão pas-
sar sem providencias tais irregularida-
des. Como ha possivel que, entrando
no nosso porto uma embarcação com
Bandeira e Tripulação estrangeira, de-
pois de uma venda, não muito legal,
continue na cabotagem, sem mudar de
Tripulação, nem de Capitão ou Mes-
tre? Como ha que o Capitão de tal em-
barcação, sendo de facto Portuguez, ca-
sado e estabelecido em Portugal, se trans-
forma de repente, e como por encanto,
em Cidadão Brasileiro, e isto por um
simples assignado de alguns Commerci-
antes seus patrícios, com muita facilida-
de adquerido, e sem mais indagação ou
solemnidade segue a sua viagem como
tal? Que poderá esperar-se de Cidadãos,
(as tais Commerciantes) que não farem
do senão gritarem entre nós: união,
união, tem cada a facilidade em coope-
rar para estas metamorphoses com ma-
nifesto prejúizo nosso, e de nossos filhos,

a quem dificuldão por este modo, assim
os meios de subsistencia, como o pro-
gresso que devião ter nos conhecimen-
tos da arte da navegação? E que será
da Nação Brasileira, quando, sendo lhe
necessario empregar a sua marinha de
Guerra, não encontrar officiaes nacio-
naes, de que lance enso para esse fim?
Sirva-se, Sr. Redactor, dizer-me o que
sobre este objecto lhe ocorre: e dar
publicidade a esta minha corresponden-
cia, o fim de que, sendo o Governo
informado de tais desordens e irregula-
ridades, tome ácerca delles as necessá-
rias medidas de protecção, para que,
nem nós sejamos impunemente desbulha-
dos de nossos direitos, nem a Nação
deixe de encontrar sufficientes recursos,
todas as vezes que os precisar. Sou, Sr.
Redactor Seu muito atencioso leitor

Hum Piloto recente chegado de Minas.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma mobilia de jacarandá
de muito bom gosto para ornato de sa-
la, chegada proximamente do Rio de
Janeiro assim como lho bem comodas
bancas de jantar huma caixa de gazados
da mesma madeira, e paraflos de moza,
e de chá, chicatas ricas e de ultimo gos-
to francesas, cristais vasos de flores
francesas, mangas de vidro, cartilhas
com mangas, e sem ellas, e outras mu-
itas coisas pertencentes ao ornato de
uma caza: quem quiser correr querer
comparecer das dez horas de manhã por
diança nas casas do Sr. Frazão que a
chará com quem tratar.

— Vende-se um escravo bom reca-
idor e que sabe cozinar; quem o persem-
ber, dirija-se a esta Typ. que se dirá quem
ha seu dono.